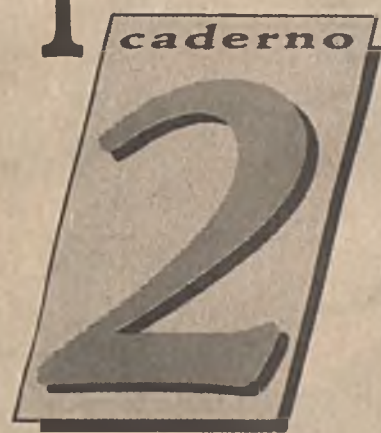


O plano piloto do cinema



No encerramento do Festival a mostra especial do filme "Brasília, a última utopia", que reúne cinco diretores da cidade. Nos bastidores, a expectativa e tendências da premiação.

Sob o olhar cinematográfico de seis cineastas, Brasília transforma-se na personagem principal de um filme que aponta a câmera em todas as direções. Do misticismo à arquitetura, passando pela frustração daqueles que materializaram em concreto o sonho dos seus criadores, "Brasília, a Última Utopia" tem um pouquinho de tudo. O filme, que acaba de ser concluído, será exibido hoje no Cine Brasília, como parte da solenidade de encerramento do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro.

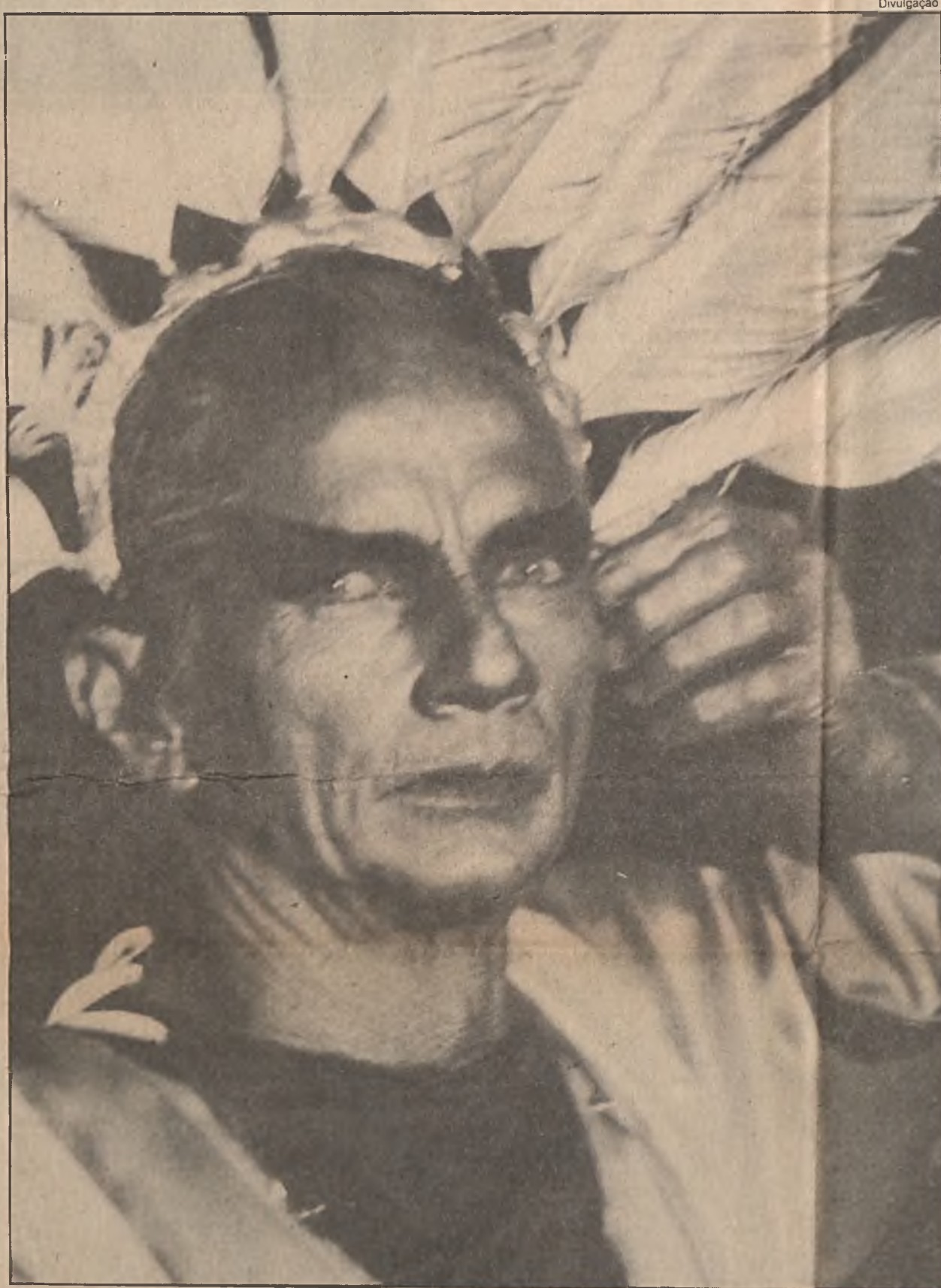
Patrocinado pelo Governo do Distrito Federal, ainda na gestão do Ministro da Cultura, José Aparecido de Oliveira, o filme reúne seis episódios, todos dirigidos por diretores radicados na cidade. Vladimir Carvalho dirige o primeiro deles, "A Paisagem Natural", uma espécie de gênese do planeta e do Planalto Central (ver artigo assinado pelo diretor nesta mesma página).

Pedro Jorge de Castro dirige "O Sinal da Cruz", que mistura personagens ficcionais e documentário para discutir em imagens e pouquíssimas falas a ideia de que Brasília estava no destino do País: "O episódio está circunscrito a quase cinco séculos e pretende demonstrar o quanto Brasília era inevitável e é determinante", diz o diretor.

Brasília é o resultado de "entradas e bandeiras", de "catequese e missões", de casas grandes, senzalas e quilombos, farrapos, canudos e lampiões, seringueiros, ideologias, colunas, sonhos e candangos — continua o diretor. No elenco do filme, alguns atores conhecidos da cidade. Entre eles, João Antônio, B. de Paiva e Regina Dourado. A fotografia é de Miguel Freire.

"O Sinal da Cruz" prepara o terreno para os traços mágicos e modernos de Oscar Niemeyer e Lúcio Costa. "Suíte Brasília", o terceiro episódio do filme, é dirigido por Moacir Oliveira, atual diretor-presidente da Embrafilme. O diretor define o seu filme como um balé-musical, com a bailarina Maura Baiocchi e a arquitetura candanga nos papéis principais. A música tema (Suíte Brasília) é do músico brasileiro Renato Vasconcelos.

Com o episódio do cineasta Roberto Pires, "A Volta de Chico Candango", Brasília começa a despontar como a cinderela que não conseguiu encontrar o sapatinho de cristal. O filme relata as decepções de um operá-



Joel Barcellos em "Além do cinema do além", do diretor Pedro Anísio: um episódio da utopia

rio que, depois de ajudar a construir a cidade, volta para a sua terra natal e novamente retorna à Capital com a cabeça cheia de sonhos e desejos de realização. E percebe que entre burocracia e desmandos a cidade que ele construiu não é mais a mesma.

O diretor Pedro Anísio buscou um caminho original para falar do misticismo. "Além do Cinema do Além" não é um filme sobre mas a partir do misticismo — avisa o diretor, que foi buscar num personagem de histórias em quadrinhos norte-americano o confronto entre o que ele chama de mito falso (da cultura de massas dominante) e o suposto mito verdadeiro (o de origem cabocla). O tal personagem é o Spirit criado por Will Eisner, que no filme é interpretado pelo ator J. Pingo. Joel Barcellos e Ana Maria Magalhães também integram o elenco de "Além do Cinema do Além", que tem fotografia de Fernando Duarte e cenografia do artista plástico Girafa. Um apaixonado em histórias em quadrinhos. O roteiro tem sete partes, correspondentes a sete arcanos do tarô: a torre, o mundo, o diabo, o carro, o louco, a força e a morte.

Pedro Anísio explica a decisão de convidar o "Spirit" para ser o personagem principal do seu filme: "Ele tem uma função específica diante de tantos intrincados significantes. Adaptamos um personagem estranho à temática com o intuito de criar um contraste metalingüístico entre um mito falso e um suposto mito verdadeiro".

"Brasília, a Última Utopia" encerra com o episódio assinado por Geraldo Moraes. "A Capital dos Brasis" representa a visão de quem sabe que a cidade deixou de ser há muito tempo a terra de ninguém. Muita gente continua vindo, usufruindo e indo. Mas muito mais pessoas resolveram ficar. No filme, Moraes se fixa na apresentação de dois temas: a cultura que emergiu da junção de tantas culturas diferentes num ambiente novo e a intervenção humana na cidade, com a criação dos seus pontos de encontro. Geraldo realizou um documentário ouvindo jovens brasilienses, psicanalista, arquiteto, um cineasta e um sociólogo.

José Pereira, um dos produtores do filme, avisa que "Brasília, a Última Utopia" será distribuído pela Fundação do Cinema Brasileiro e Embrafilme. A Funtevé já se comprometeu a exibí-lo nacionalmente através de suas emissoras de tevê.

No meio do caminho, um quero-quero

Vladimir Carvalho

Especial para o JBr

Chamei de "Paisagem Natural" ao filme que se exhibe hoje, como parte de "Brasília, a Última Utopia", para bem diferenciá-lo do tema da paisagem urbana que certissimamente no contexto seria tratado por outro realizador. Ao ser convocado para a tarefa não pestanejei: propus no ato o assunto pois justamente naqueles dias intuía o óbvio mais ululante sobre Brasília: que ela é também a capital ou a sede privilegiada de um santuário natural que cobre a imensidão do Planalto Central e a torna uma espécie de sentinela avançada de toda uma profusa geografia, um reino fantástico de esplêndida e inumerável fauna e flora. A coincidência feliz e a óbvia intuição viera por via de um fato que seria apenas prosaico se não tivesse a sua versão poética. Andava despreocupadamente por um trecho do Parque da Cidade, entregue ao exercício burguês de saudável caminhada, ao cair da tarde. O pensamento distante martelando as agruras da vida, quando, de repente, sinto algo a esvoaçar sobre a minha cabeça. Faço um gesto defensivo levantando os braços e olhando pro alto vejo um enorme pássaro escuro que se afasta. Mal refeito do susto e ainda procurando fixá-lo em pleno voo, novamente sinto o roçar agressivo de asas sobre a cabeça. E finalmente descubro espantado — ou quase aterrorizado — que estou sendo vítima dos ataques alternados de dois bairros passáros que se revezam, num vai-e-vem tão perfeito que parece ensaiado, sem me dar tempo de pensar. Defendo-me como posso, inclinando



Equipe de "A paisagem natural", episódio de Vladimir Carvalho

o corpo a cada sortida dos bichos e ameaçando-os com golpes de braços. Acuado, no entanto, não me resta outra saída a não ser uma estratégia e desabalada corrida até um abrigo, no caso um dos inúmeros banheiros espalhados pelo Parque. Ali, ainda ofegante mas já a salvo dos importunos, um guarda me esclareceu de que se tratava de um casal de quero-queros, espécie que tem o hábito de fazer os seus ninhos no chão e que eles não faziam outra coisa se não defender os possíveis filhotes da minha involuntária e desastrada invasão. Fui-me então aliviado, mas o episódio ficou verrumando-me o espírito ainda por algum tempo, até que num papo ocasional, Luís Laboreau, suave amigo e botânico emérito da nossa UnB, elucidou-me que os quero-queros pertencem a uma família de pássaros do Planalto encontrada ao tempo da construção, que havia sumido mas que agora tem vol-

tado e marcado presença na paisagem, como que reconciliada com o burburinho da cidade.

Quando instado a fazer o filme para a série inicialmente chamada de Brasília, Patrimônio da Humanidade, ocorreu-me então ligar os pássaros ao seu meio natural, como um fio condutor. E só depois, na hora de escrever o roteiro, é que me veio a ideia de alargar horizontes, cobrir uma mega Brasília para além do entorno próximo, com seus riachos e cachoeirinhas domingueiras dos infectíveis pic-nics dos brasilienses. Eu queria a vastidão do Planalto, até os seus confins e até onde é chegado o espectro geopolítico de Brasília, numa licença poético-cinematográfica, e num raio livre das peias dos meros limites territoriais. Ao mesmo tempo, num movimento circular voltar à cidade e mostrá-la invadida e permeada dessa natureza exuberante que não está só lá fora,

mas forma com ela um continuum. E assim foi, deixando-me embalar pelo canto aliciante da natureza agarrado ao tripé da câmara.

Mas a delicadeza poética em que resultou "Paisagem" nem de longe faz supor o que foi a truculência da realização: uma expedição de guerra por mais de cinco mil quilômetros de estrada, em viaturas pesadas e por vezes enguiçadas, no curto período de quinze dias. E este é um filme que deveria ser rodado ao sabor das estações do ano, acompanhando suas mutações no curso de pelo menos 24 meses. Felizmente pude apoiar-me no arrojo e sensibilidade de meu irmão Walter, que comigo trabalha numa sutil "linha direta" e já adivinha meu enquadre e a intenção com uma simples troca de olhar ou gesto. Sim, porque muitas vezes tivemos de filmar no mais completo silêncio para não espantar a "caça". Apuramos este jogo desde quando (ele menino) trinta anos atrás eu o levava pela mão para fotografar o sol nascendo sobre o mar, na ponta do Cabo Branco, Paraíba. Com ele reencontrei os quero-queros, de novo por acaso, na Esplanada dos Ministérios, assustados mas perfeitos contra o fundo do Congresso. E finalmente, para compor a "cinefonia" que pensei, fui em busca de outro "irmão", Eduardo Leone, uma vocação quase mediúnica para a montagem; e no campus da USP, na ampla esplanada da Praça do Relógio, fui outra vez surpreendido com a presença dos quero-queros; e foi a salvação, porque esquecera de gravar o seu "reivindicativo" piado aqui em Brasília. Assim eles passaram a ser a minha mascote cinematográfica, como um signo do meio físico, um estupor "dela natura".



Aqui jaz mais uma prepotência

O entulho de um equívoco

Os tempos difíceis que Brasília experimenta com a atual administração (?) cultural da cidade têm nos galomaníacos trastes de ferro, do último Festival, a imagem do abandono e da prepotência em se ditar normas sobre uma cidade sensível. Eis o entulho autoritário do último Festival que nos revelou o pesadelo mais terrível de D. Bosco. Aquele onde uma cidade se sente ultrajada pela aventura oportunista de quem não tem a menor relação de carinho, ou mesmo competência, para vivê-la. Hoje, de pé, o Festival renasce e o candango vai para as mãos de quem merece (na pág. 8 as tendências da premiação).